

METODOLOGIA DE PESQUISA APLICADA
A EDUCAÇÃO DE SURDOS

PRESIDENTE DA REPÚBLICA: Dilma Vana Rousseff
MINISTRO DA EDUCAÇÃO: Aloizio Mercadante

SISTEMA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
DIRETOR DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA DA COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO
DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – CAPES:
Jean Marc Georges Mutzig

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE
UNICENTRO**

REITOR: Aldo Nelson Bona
VICE-REITOR: Osmar Ambrósio de Souza
DIRETOR DO CAMPUS SANTA CRUZ: Ademir Juracy Fanfa Ribas
VICE-DIRETOR DO CAMPUS SANTA CRUZ: Darlan Faccin Weide
PRÓ-REITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPESP: Marcos Ventura Faria
COORDENADORA NEAD/UAB/UNICENTRO: Maria Aparecida Crissi Knüppel
COORDENADORA ADJUNTA NEAD/UAB/UNICENTRO: Jamile Santinello

SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

DIRETOR: Carlos Eduardo Schipanski
VICE-DIRETOR: Adnilson José da Silva

CHEFIA DEPARTAMENTO DE LETRAS

CHEFE: Daniela Silva da Silva
VICE-CHEFE: Ari José de Souza

**COORDENAÇÃO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LIBRAS - LINGUAGEM
BRASILEIRA DE SINAIS MODALIDADE A DISTÂNCIA**

COORDENADORA DO CURSO: Elenir Guerra
COORDENADORA DE TUTORIA: Roseli Capelário

COMITÊ EDITORIAL DO NEAD/UAB

Aldo Bona, Edelcio Stroparo, Edgar Gandra, Jamile Santinello, Klevi Mary Reali,
Margareth de Fátima Maciel, Maria Aparecida Crissi Knüppel,
Rafael Sebrian, Ruth Rieth Leonhardt.

CARLA LUCIANE BLUM VESTENA

CARLA SANT'ANA

**METODOLOGIA DE PESQUISA
APLICADA A EDUCAÇÃO DOS
SURDOS**

REVISÃO ORTOGRÁFICA
Daniela Leonhardt
Maria Cleci Venturini
Soely Bettes

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO
Andressa Rickli
Espencer Ávila Gandra
Luiz Fernando Santos

CAPA
Espencer Ávila Gandra

GRÁFICA UNICENTRO
180 exemplares

Nota: O conteúdo da obra é de exclusiva responsabilidade da autora.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO I: FAZER E PENSAR PESQUISA	09
CAPÍTULO II: PESQUISA ANTROPOLÓGICA E A ETNOGRAFIA	15
CAPÍTULO III: A PESQUISA E A FENOMENOLOGIA	19
CAPÍTULO IV: APLICAÇÃO DO MÉTODO MARXISTA PARA ANÁLISE DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS	25
CAPÍTULO V: FILOSOFIA DA LINGUAGEM UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS SOBRE A EDUCAÇÃO DOS SURDOS	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37



INTRODUÇÃO

Esse livro tem como objetivo debater didaticamente algumas vertentes da pesquisa em educação com o foco na educação dos surdos, seja ela quantitativa, ou qualitativa.

Cabe-nos apresentar brevemente os vários enfoques pelos quais é possível observar a especificidade da educação dos surdos, a necessidade de implementar escolas de ensino bilíngue, como estratégia de valorização desta cultura, na qual podemos verificar constantes lutas políticas e ideológicas.

De modo que, organizamos essa obra em duas partes:

Na primeira parte, subdividimos a discussão em cinco capítulos, nos quais buscaremos explicitar brevemente qual é o perfil que um pesquisador deve adotar durante a investigação científica. Em seguida abordaremos os principais conceitos, características e o *modus operandi* das pesquisas fundamentadas nas seguintes linhas filosóficas:

Antropologia: no qual trataremos das definições da antropologia e sua aplicação metodológica por meio da etnografia.

Fenomenologia: buscaremos explicitar como a fenomenologia se constituiu, como ela realiza seu fazer científico e explicar o método clínico de compreensão dos fenômenos epistemológicos.

Marxista: demonstraremos como essa base teórico-filosófica emprega o método a produção científica suas principais concepções e como elas subsidiam a pesquisa em educação.

E, finalmente trataremos da *filosofia da linguagem* capítulo no qual o foco é a análise discursiva.

Na segunda parte, trabalharemos as etapas da produção do projeto de pesquisa, como encontrar a problemática, justificar, delimitar os objetivos, definir os métodos. Enfim, na segunda parte trataremos da construção de um projeto de pesquisa propriamente dito.

CAPÍTULO I: FAZER E PENSAR A PESQUISA

CONJECTURAS PARA UMA PESQUISA CIENTÍFICA.

Neste capítulo discutiremos brevemente sobre o posicionamento do pesquisador frente ao seu objeto de investigação. Para tanto, partiremos da análise sistemática da concepção de clássicos da produção científica, tais como: Montaigne, Bacon e Descartes.

É necessário compreender alguns conceitos básicos, empregados ao pensamento científico e sua relação com a educação. Ao almejar produzir um conhecimento científico há de se ter claro algumas questões, são elas:

- a- Objetividade versus subjetividade;
- b- Procedimentos para garantir a subjetividade;
- c- Limites destes procedimentos;
- d- Encontrar formas adequadas de expressar os resultados obtidos em uma pesquisa científica.
- e- Compreender a relevância do fazer científico para a educação e para a sociedade.

Essas questões apontadas acima, se tornaram imperativas com o desenvolvimento da ciência moderna, a partir do século XV. Deste modo, debateremos a seguir sobre como os estudiosos deste período pensaram essa questão e qual sua influência para a produção científica da atualidade.

Bacon (1220 - 1292) promoveu a crítica ao modo como a filosofia e a ciência tinham, até então, sustentando-se na autoridade e não na experiência. Ele entendia que a mente humana é constantemente regulada, convergindo com a concepção de Montaigne.

Este autor concebe que a ciência e o poder do homem coincidem, ele entende que a natureza supera os sentidos humanos. E que o intelecto humano é como um espelho que pode distorcer o sentido. Principalmente quando olhamos o fazer científico pela ótica de ídolos, uma vez que esses geram preconceitos e obscurecem o intelecto. Os ídolos prejudicam a produção da ciência, pois limitam o olhar do homem que se volta ao seu pequeno mundo, em vez de olhar para o grande universo.

Para Bacon (1988) a fragilidade humana deve-se ao fato de o intelecto humano não ser luz pura, pois é movido por suas vontades e afetos. Por isso, o espírito humano é inquieto e isto o leva a cometer erros, já que deixa de se aprofundar em seu objeto de pesquisa para atender suas necessidades. De modo que, deve-se manter sempre atento durante o processo de investigação, para que o intelecto mantenha-se íntegro e puro.

Na perspectiva de Bacon (1988) o intelecto governa as palavras, todavia o vocabulário humano é bastante restrito. Além disso, cabe-nos tomar cuidado com a intemperanças filosóficas. É, imperativa a preocupação com os silogismos, afinal fazer ciência sem partir de um problema transforma-a em uma ciência vaga, isto quando não se perde completamente o objetivo da pesquisa, tornando-a leviana.

Nesta concepção, a produção científica aquilatada é aquela que mantém-se imune de vícios, ambições e vaidades, bem como deve-se manter livre de simpatias e antipatias. Consonantemente a ciência deve levar em conta os aspectos gerais do objeto de estudo, considerando os aspectos positivo e negativo deste objeto. A legítima meta do fazer científico é a de enriquecer a vida humana com novos inventos e recursos. E finalmente, a ciência não precisa buscar um fim em si mesmo. Visto que sempre existe a potencialidade de desvendar informações inovadoras.

Montaigne (1533-1592) realizou a crítica à “arrogância” escolástica e renascentista de querer e acreditar no poder da razão de tudo conhecer. Para esse autor clássico, o homem tem que manter-se isento de qualquer presunção, lembra-nos ainda que o conhecimento torna o espírito inquieto. Montaigne (1987), chama nossa atenção para o objetivo que temos galgado na produção

científica. Segundo sua teoria, o homem produz ciência não para promover o bem-estar comum. Mas, para promover a destruição.

Há na produção do homem a presunção de ser melhor que os animais e, em prol dessa “pseudo superioridade” o homem escraviza outros homens. Deste modo, o raciocínio humano pode leva-lo ao engano. Para suprimir essa possibilidade, o pesquisador deve manter-se humilde diante da possibilidade de conhecer algo, a exemplo de Platão que no alto de sua sabedoria considerava-se ignorante. Afinal, a simplicidade leva-nos a conservar a nossa formação moral e ética diante da pesquisa, sem deixar-nos enganar pela vaidade.

Montaigne, demonstra em sua concepção teórica do fazer científico que: fazer ciência é difícil e muitas vezes doloroso. Exige estudo, dedicação e autonegação. É necessário antes de tudo entender que a arrogância dos sábios leva-os a ocultar seus conhecimentos em detrimento do bem público. Outra importante contribuição deste autor é que a ciência deve ter por objetivo maior a intenção de formular teses que propiciem o debate, mas que jamais oferece conclusões prontas.

Para produzir ciência é necessário antes de tudo, partir de uma necessidade social, de acordo com Montaigne durante o debate produto do fazer científico, é necessário observar as contradições, pois a ciência deve ter um movimento dialético e dialógico.

O autor em questão, defende ainda que a inteligência humana é demasiadamente limitada e apesar de ser capaz de desenvolver inúmeras teorias, isso não passa de fragilidade humana. E, portanto para produzir ciência o homem deve limitar seu objeto de estudo e investigá-lo minuciosamente. De fato, a ciência humana não se esgota em si mesma, não deve almejar um fim, contudo precisa olhar o resultado do fazer científico, como uma possibilidade de.

Por fim, para Montaigne todo conhecimento à ser produzido, deve partir de um conhecimento clássico e para produzir ciência o homem não pode se pautar nos próprios sentidos e deve manter-se alheio as impressões superficiais.

Descartes defende que para contornar esses problemas, levantados por Montaigne e Bacon, é necessário um método que nos garanta um conhecimento “certo e claro”, que supere as diferentes opiniões e todos sobre tudo.

Este autor defende que o homem deve fazer uso da ciência para aumentar seu poder diante da natureza, empregando a técnica para expandir sua capacidade de trabalho. Para Descartes (1987), ciência e técnica caminham de mãos dadas. Também defende a racionalidade, pelo qual o conhecimento claro e objetivo, torna-se verdade.

Segundo a teoria cartesiana, a razão é naturalmente igual em todos os homens, ou seja, o poder de definir o que é verdadeiro do que falso, é preciso fazer uso deste bom senso para produzir ciência. É fundamental entender que o uso deste julgamento é diferente para cada homem, já que cada homem considera uma abordagem específica de determinado problema.

Não se pode eleger uma verdade, sem comprová-la como tal, essa prevenção é o que dá a ciência o caráter de verdade. Por isso, Descartes defende que em caso de dúvidas é preciso

[...] dividir cada uma das dificuldades que eu examinasse em tantas parcelas quantas possíveis e quantas necessárias fossem para melhor resolvê-las; conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir, pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos; e fazer em toda parte enumerações tão completas e revisões tão gerais, que eu tivesse a certeza de nada omitir (DESCARTES, 1987, p. 38).

Além de ser indispensável confirmar exponencial verdade, deve-se confirmar se tal conhecimento é de fato útil para a humanidade.

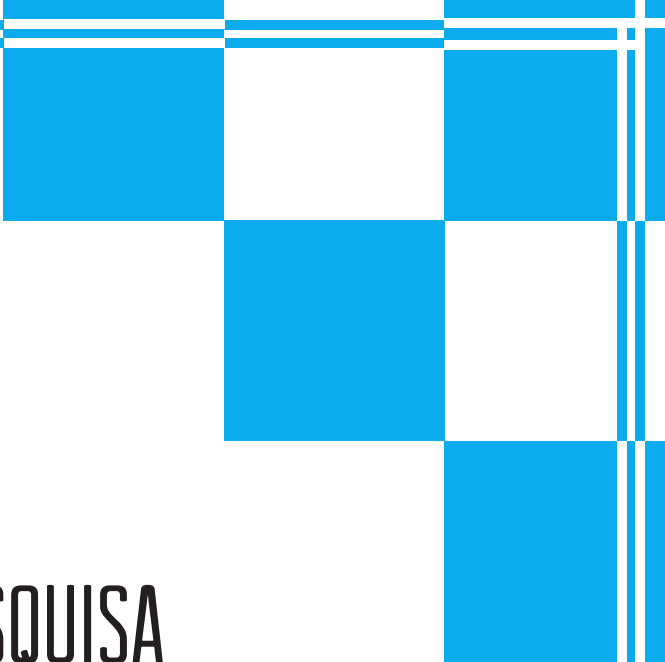
Deste modo, aprendemos com esses autores que o fazer científico deve:

- Fazer ciência não é simples exige negação das próprias vontades e por vezes chega a ser doloroso;
- Ser livre de vaidades;
- Deve trazer benefícios para a humanidade;
- Precisa contemplar de um estudo sistemático e metódico dos conhecimentos previamente elaborados;
- Precisa lançar luz sobre um problema existente e buscar resolvê-lo;
- Deve estar livre de ídolos, isto significa que não devemos tomar nossas teorias como dogmas, mas sim como uma forma de análise de determinado problema;
- É necessário, tomar cuidado com nossos sentidos, mas fazer uso de todo aparato possível para comprovar minha hipótese;
- E por fim, é preciso ter claro que todo resultado do fazer científico é apenas uma hipótese para a formulação de uma nova tese, não há um fim em si mesma.

ATIVIDADES — REFLECTA E RESPONDA:

1- Explícite a sua compreensão sobre Descartes e o conhecimento verdadeiro?

2- Reflita sobre sua pesquisa e aponte quais são as atitudes que você enquanto pesquisador deve tomar frente a sua pesquisa segundo a concepção de Bacon e Montaigne?



CAPÍTULO II: PESQUISA ANTROPOLÓGICA E A ETNOGRAFIA

A PESQUISA ANTROPOLÓGICA E A ETNOGRAFIA: DESVENDANDO A CULTURA E IDENTIDADE SURDA.

A pesquisa antropológica é uma ciência que visa entender o ser humano. De acordo com Laplantine (2003), essa é uma das formas mais eficientes de se conhecer o ser humano, em sua cultura em diversidade social. Sobre isso, podemos destacar que a busca do homem por conhecer a si próprio e a sua sociedade é muito antigo, foi nesta busca que surge a antropologia no final do século XVIII que objetiva investigar o homem.

A antropologia passa a se debruçar sobre o estudo das populações que não constituem a civilização ocidental, de modo que passou a ser conhecida como sociologia comparada.

Na figura abaixo é possível entender como se concebe o estudo da humanidade a partir do foco antropológico.

Uma das formas de análise da antropologia é pelo estudo da linguagem, cujo foco entra na semiótica, essa análise se justifica, pois a linguagem faz parte do patrimônio cultural de um povo. É pela linguagem que os indivíduos trocam

valores, interagem e expressam seus pensamentos. Pela linguagem é possível entender

[...] como os homens pensam o que vivem e o que sentem, isto é, suas categorias psicoafetivas e psicocognitivas (etnolinguística); o como eles expressam o universo e o social (estudo da literatura, não apenas escrita, mas também de tradição oral); o como, finalmente, eles interpretam seus próprios saber e saber-fazer (área das chamadas etnociências) (LAPLANTINE, 2003, p. 16).

Outra forma de entender o homem é pela luz da antropologia psicológica.

Que nada mais é do que o estudo do psiquismo humano em seu desenvolvimento e constituição. Nesta categoria de análise da antropologia observa-se o indivíduo confrontando sua relação com a cultura e sociedade. Trata-se da análise comportamental dos sujeitos e sua consciência social.

De fato, o estudo antropológico do homem é bastante complexo, haja visto que ele perpassa pelo estudo de todas as relações que compõe um povo e de como isso se relaciona com o estudo conglomerado das sociedades humanas, sempre observando as especificidades de cada uma e seu rol de diversidades.

Levy-Strauss (1970) nos mostra que na pesquisa antropológica é preciso ter um olhar objetivo, para as humanidades entende-las a partir de uma perspectiva neutra, sem se posicionar com uma visão comparativa entre a cultura **x** e **y**. Principalmente, sob a influência eurocêntrica dos valores sociais. Os estudos antropológicos são essencialmente empíricos, pois ele se configura pelo estudo de dada sociedade a partir da ótica desta própria sociedade, é preciso se colocar no centro do objeto de estudo e observá-lo de dentro pra fora.

É por essa condição que a antropologia elege um conceito chave em sua abordagem, que a alteridade, o que exige o reconhecimento e a compreensão de que a humanidade é multidimensional, diversa e plural. O que permite romper com a reducionista concepção de igualdade e exclusão, não existe homogeneidade quando se trata da humanidade.

Por isso mesmo que as relações humanas devem ser estudadas em sua totalidade, considerando as tradições próprias de cada povo, sua linguagem, cultura, processo de funcionamento psíquico e trocas sociais, se comparar diferentes povos, mas sim considerando a especificidades da constituição de cada sociedade, bem como seus costumes, artefatos ideológicos, artesanais, artísticos, religiosos, entre outros.

Uma das formas mais conhecidas de pesquisa antropológica é a etnografia, que observa desde os comportamentos individuais até as relações sociais mais complexas, como a relação homem-natureza.

Ao eleger a pesquisa antropológica e etnográfica como meio de entender a cultura e identidade surda, deve-se preocupar com tudo que envolve essa cultura sem que essa análise seja arbitrária. Mas, sim que procure compreender a constituição dos papéis sociais e sua especificidade no cerne desta sociedade.

Neste sentido, devemos estudar essas comunidades surdas a partir da seguinte perspectiva:

Não podemos falar de crianças de um povo indígena sem entender como esse povo pensa o que é ser criança e sem entender o lugar que elas ocupam naquela sociedade – o mesmo vale para as crianças nas escolas de uma metrópole. E é aí que está a grande contribuição que a antropologia pode dar aos estudos das crianças: a de fornecer um modelo analítico que permite entendê-las por si mesmas. (COHN, 2005, p. 9).

Aos que desejam realizar a pesquisa antropológica, é preciso ter claro que trata-se de uma pesquisa que analisa relato histórico, considerando os acontecimentos históricos social em sua própria especificidade. Por exemplo, analisar a origem do embate traçados pelas comunidade surdas no interior de suas comunidades/sociedades. Deve-se observar nestas comunidades desde a estrutura básica, comum a comunidade até os conteúdos de cada célula, pois essas variações são indispensáveis para a compreensão completa de todas as propriedades existentes na cultura e identidade dos surdos.

A ETNOGRAFIA:

O método de pesquisa etnográfica está intrinsecamente associado a antropologia, e adota como prática, a pesquisa de campo, por meio do convívio delongado com a comunidade em que se está pesquisando. Uma vez que demanda observação direta e prolongada, conversas formais e informais, entrevistas não direcionadas, produção de imagens. Pois, só assim é possível delinear a especificidade da identidade cultural alvo da pesquisa.

A observação direta prolongada se configura em um importante, pois com essa técnica podemos desvendar as práticas cotidianas, tradições, relações e valores que determinam a vivência social do grupo social objeto do estudo. Essa pesquisa precisa ser constantemente descrita em um diário de pesquisa.

Essa técnica de coleta de dados, só se torna efetiva quando o pesquisador ganha a confiança do grupo e se mistura a esse, deixando os sujeitos do grupo a

vontade para manter suas práticas cotidianas e garantir o sucesso da pesquisa, por isso segundo Levy-Strauss (1974), é a interação pesquisador-pesquisado que garante que o objetivo da pesquisa seja alcançado.

Neste sentido, a observação direta e prolongada exige do pesquisador disponibilidade espaço-temporal e perspicácia para observar os detalhes singelos do cotidiano. Não basta observar, é preciso participar das práticas cotidianas daquela comunidade pesquisada. Para entender inclusive quando as ações adotadas pelos pesquisados são efêmeras.

É preciso ter sensibilidade para ouvir o que os participantes da pesquisa tem a dizer, haja visto que é essa a verdadeira contribuição que a etnografia e a antropologia nos trazem. E finalmente, descrever essas falas com objetividade científica.

Vamos revisar?

- A antropologia é a ciência responsável pela compreensão da humanidade, desde os fatores microssociais até aos fatores macrossociais.
- Isto significa dizer, que esta ciência observa desde o indivíduo e sua comunidade até a humanidade universal.
- É necessário ter um olhar científico, minucioso para observar as particularidades da composição social do grupo observado.
- É imperativo, observar o grupo social de dentro para fora;
- Compreender as tradições, as linguagens, os meios de produção, as interações deste grupo social;
- A observação deve ser direta, por um longo período de tempo;
- A transcrição fiel dos fatos observados deve ser feita diariamente em diários de campo;
- A escrita antropológica prevê objetividade científica.

FONTE: WWW.USP.COM.BR

CAPÍTULO III: A PESQUISA E A FENOMENOLOGIA

A FENOMENOLOGIA E A PESQUISA EDUCACIONAL.

A pesquisa fenomenológica nasceu dos estudos de Edmund Husserl (1975) que objetivava empregar em suas pesquisas o rigor científico cuja base iniciou nas discussões de John Locke, René Descartes e David Hume. Autores que defendiam que a pesquisa científica só pode se efetivar a partir da negação dos próprios sentidos, da neutralidade e da racionalidade científica.

Husserl (1975) considera que a ciência deve fundamentar-se no estudo de fenômenos, isto é, na análise da noção de unidade. Para ele é preciso olhar a ciência observando a unidade (fenômeno) para entender tudo que se relaciona a este fenômeno só assim é possível produzir conhecimento.

Nesta ótica o pesquisador que deseja empregar método científico de base fenomenológica, precisa investigar com rigor filosófico as variáveis de um mesmo fenômeno, por exemplo, a instauração da escola bilíngue. Na instauração do método fenomenológico busca-se em primeiro lugar definir uma hipótese, que consiste em uma verdade transitória, que deve ser comprovada, ou negada após a empregabilidade de observação sistemática e contínua deste fenômeno.

É por essa observação sistemática que infere-se que a fenomenologia é o estudo do cerne de um fenômeno, no nosso caso a educação dos surdos no Brasil. Na perspectiva da pesquisa fenomenológica é preciso considerar o objetivo do pesquisador e partir para a investigação dos sujeito, seus atos, conflitos e debates. Sempre partindo da observação e do depoimento dos sujeitos da pesquisa. Ricoeur (1988), nos lembra do caráter ontológico¹ da pesquisa fenomenológica que se constitui como tal, só depois que a unidade pesquisada se permite ser experimentada, comprovada, ou negada.

Podemos observar a produção científica pela seguinte organização:

A análise das unidades ideológicas é a forma de tomar consciência do fenômeno é preciso no entanto manter a racionalidade científica para que o pesquisador não se deixe levar por seus preconceitos. Nesta ótica, só é possível realizar uma pesquisa científica quando se toma consciência de um fenômeno por meio da hipótese levantada por meio de um propósito. É preciso entender que toda consciência se constitui como tal a partir do contexto em que se produz.

A pesquisa fenomenológica empregada ao campo educacional a exemplo do método clínico piagetiano.

A Fenomenologia configura-se como uma lógica que visa entender o texto (hipóteses) e o contexto do fenômeno, por meio da experiência reflexiva das variáveis de uma unidade de pesquisa realizando inferências (deduções e induções. Sobre essa produção de induções e deduções de hipóteses, explicitaremos o *modus operandi* a partir do método desenvolvido por Piaget (1978), no qual ele busca por meio de entrevistas, observações e aplicação de testes entender como se constitui a epistemologia do pensamento infantil.

Piaget sempre organizava suas análises a partir de hipóteses que levantava por meio do estudo sistemático de outras teorias, por exemplo, Kant (1987), Levy-Bruhl (1957), Durkheim (1974), Freud (1996) entre outros. Após elaborar as hipóteses o pesquisador debruçava-se sobre a explicação do fenômeno.

“Explicar”, no sentido etimológico, significa lançar luz sobre o que não está claro, descobrir o que estava oculto. Em suma, explicar as coisas consiste em construir modelos adequados de como tais fenômenos ocorrem. Esses modelos nos permitem não apenas explicar por que as coisas acontecem de uma determinada maneira, mas também prever

1 “O termo *ontologia* foi introduzido pelos autores escolásticos no séc. XVII. Rudolf Goclenius, que mencionou a palavra em 1636, poderá ter sido o primeiro a fazê-lo, mas o termo era de tal modo natural em latim e começou a surgir tão regularmente que as disputas sobre quem detém a prioridade da sua introdução são vãs. [...] a ontologia trata do ser enquanto ser. O termo “ser” era entendido univocamente, como se tivesse um só sentido” (MURCHO, 2009, p. 01). Disponível em: <http://criticanarede.com/ontologia.html>

as coisas que acontecerão em face a um conjunto de circunstâncias determinadas. Dessa forma, é como se os sujeitos tivessem na cabeça modelos da realidade que permitem prever como ela se comportará. Isso nos livra de uma enorme quantidade de trabalho, já que podemos nos poupar de fazer comprovações constantes e, assim, não precisamos esperar que os fenômenos se produzam mas os antecipamos (DELVAL, 2002 p. 19).

Durante a análise das teorias *a priori* formuladas, Piaget construía uma crítica reflexiva acerca destas teorias, estabelecia suas hipóteses e realizava comprovação por meio de pesquisas empíricas. As pesquisas deste estudioso nos ensina passo a passo, como deve ser a prática de um pesquisador, Piaget era um pesquisador que buscava entender o cerne dos estudos realizados *a priori* e somente depois deste ele formulava suas hipóteses e buscava comprová-las na pesquisa empírica.

Neste sentido, cabe-nos entender que Piaget seguia por um estudo sistemático das teorias previamente elaboradas por outros autores, de modo que podia antecipar o conjunto de variáveis já levantadas por esses autores, em seguida ele construía um rol de fatos observados a respeito do fenômeno pesquisado e essa observação abria-lhe a possibilidade de compreender fatos inéditos ainda não desvendados por seus antecessores, conseqüentemente a luz da teoria estudada o autor conseguia comprovar suas hipóteses na prática, o que constitui o âmago da *práxis* científica.

O conhecimento científico é conhecimento provado. As teorias científicas provêm, de um modo rigoroso, dos fatos da experiência apropriados mediante a observação e a experimentação. A ciência fundamenta-se naquilo que podemos ver, ouvir, tocar, etc. As opiniões preferencias pessoais e as ideias especulativas não são válidas na ciência. A ciência é objetiva. O conhecimento científico é conhecimento confiável porque é conhecimento objetivamente provado (CHALMERS, 1993, p. 11).

Neste sentido, Piaget se torna um exemplo confiável, no que tange a produção científica, uma vez que ele partia de conhecimentos provados para formulá-los na prática e comprová-los, ou negá-los.

O processo de produção científica elaborado por Piaget (1978) previa as seguintes etapas:

A primeira etapa consiste em observações do sujeito da pesquisa, no caso de Piaget das crianças, nas quais deve-se fazer anotações detalhadas das mais simples reações da criança, nas interações interindividuais com nas relações com o meio e também nas relações intraindividuais.

A segunda etapa consiste em entrevistas individuais com os estudantes ao mesmo tempo em que se aplicam testes e observa-se a resolução do conflito/problema elaborado com parâmetros de resolução preestabelecidos.

Durante essas pesquisas Piaget observou a existência de invariantes em seus pesquisados (todos os sujeitos passam pelas mesmas fases de desenvolvimento, cada qual a seu tempo e de forma específica, mas não pulavam nenhuma das fases). Destarte, é preciso destacar que ele considerava os sujeitos a partir da virtualidade, isto é, de um modelo universal e biológico. Todavia, esse pesquisador jamais deixou de considerar que os sujeitos de sua pesquisa sofrem influência da cultura, porém para Piaget essa interferência se estabelece pela interação interindividual do sujeito e não por meio da sociedade com um ente vivo como fazia Vygotsky (2007).

Uma importante contribuição de Piaget para o campo da pesquisa em educação é a sua busca pela compreensão de como a criança adquire conhecimento por intermédio da fala da própria criança, considerando o sujeito em toda sua potencialidade e compreendendo esse sujeito dentro do processo de desenvolvimento cognitivo, afetivo, biológico e moral.

Piaget chamava a atenção para o fato de observarmos a criança todo o repertório da criança inclusive seus questionamentos, o que torna o método trabalhoso e por vezes não garante ao pesquisador encontrar o fenômeno pesquisado. Para enriquecer esse processo, Piaget costumava usar exames padronizados.

Os exames padronizados são de grande utilidade quando temos que comparar sujeitos, mas isso pressupõe que saibamos perfeitamente bem quais são os tipos de respostas do sujeito e que tenhamos feito previamente amplos estudos que nos permitiram categorizá-las de uma determinada maneira. Ainda assim, sempre há o risco de que os sujeitos cheguem a resposta certa por caminhos errados (DELVAL, p. 45).

Neste sentido, Piaget utilizou testes produzidos por Hall (2002), Binet e Simon (1929) entre outros. Outro fator relevante na teoria piagetiana é a forma de análise dos dados. Ele sempre organizava as categorias de análise, antes de iniciar a interpretação dos dados. Por exemplo, no livro “O juízo moral na criança” ele trabalha a seguinte sequência:

1. O conceito de regras do jogo;
2. O conceito de coação e realismo moral;
3. Cooperação e noção de justiça, e por fim
4. Os tipos de oral na criança e como isso se estabelece nas relações sociais.

Esse modo de organização da teoria, a formação das categorias tudo foi pensado, a partir de um sistemático processo de observação e coleta de dados. E, segue uma linha de raciocínio crescente, conforme o nível de desenvolvimento do pensamento infantil.

Desse modo, empreendi com meus sujeitos conversas do tipo entrevistas clínicas com a finalidade de descobrir algo sobre os processos de raciocínio que estavam por trás de suas respostas corretas, com um interesse particular pelo que ocultavam as respostas falsas. Descobri com espanto que os raciocínios mais simples que implicavam a inclusão de uma parte no todo ou o encadeamento de relações ou ainda a multiplicação de classes (encontrar a parte comum de duas entidades) apresentavam para as crianças normais de até 11 anos dificuldades insuspeitadas para o adulto (PIAGET, 1966, p. 137).

Nesta perspectiva, aprendemos que é necessário ter um planejamento metódico das ações realizadas na coleta de dados, desde as obras literárias que servirão de base para a pesquisa até o empreendimento dos testes. E mesmo nas conversas abertas, é preciso desenvolver roteiros de investigação e fazer o processo de negação da respostas dada pelas crianças com intuito de conhecer qual o raciocínio empregaram na resolução das respostas.

VAMOS REVISAR?

Para produzir uma pesquisa fenomenológica é necessário:


- É preciso assumir uma postura objetiva e neutra;
- Planejar as ações científicas;
- Partir de um estudo metódico da bibliografia já produzida sobre determinado assunto, assumindo que nenhuma pesquisa nasce do nada, mas elas são fruto de nossa influências filosóficas, culturas e ideológicas.
- É preciso observar os dados em conjunto;
- Descrever o objeto de estudo com fidelidade, às informações coletadas;
- Análisar todas as variáveis contidas no objeto.

ATIVIDADE — REFLITA E RESPONDA:

Aplice um dos testes piagetianos, identifique o “porquê” as crianças chegam a determinada resposta. Quais são as referencias e inferencias que a criança faz. Observem o exemplo do vídeo abaixo:

Aplicação de provas piagetianas.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H8xqJ172sm8>



CAPÍTULO IV: APLICAÇÃO DO MÉTODO MARXISTA PARA ANÁLISE DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS

O MÉTODO MARXISTA NA PESQUISA SOBRE A EDUCAÇÃO DOS SURDOS.

O método marxista não é apenas uma filosofia sobre o sistema econômico, tampouco é uma corriqueira análise política ou, social. Ela é acima de tudo uma observação minuciosa e crítica de um sistema totalitário.

Neste capítulo, discutiremos brevemente sobre metodologia científica na filosofia marxista. Mas, afinal o que é essa filosofia? E, porque ela pode subsidiar a compreensão de problemas relacionados a cultura, sociedade e educação dos surdos?

Primeiramente, devemos explicar um pouco dos conceitos que abrangem a teoria marxista. Sobral (2012, p.7) diz que:

Vale enfatizar, também, que a característica metodológica das ciências humanas – que pode ser considerada como uma dificuldade pelos pesquisadores positivistas – é a de que seu “objeto” de estudo, o homem, não é passivo e controlável como o “objeto” das ciências naturais.

Para entender como é a característica metodológica do marxismo é preciso antes de mais nada entender que para os estudiosos desta teoria há duas concepções de mundo: 1) o uso da razão em consonância com os aspectos doutrinários se efetivam em ação política; 2) Para entender as relações humanas dependemos primeiramente entender seu contexto.

KARL MARX E O MATERIALISMO DIALÉTICO

O materialismo dialético, enquanto método de análise da sociedade e dos fatores que a permeiam, não foi um método sistematicamente desenvolvido por Marx. No entanto ao realizar a análise do capitalismo, das relações econômicas que lhe pertencem tornou-se fundamental para quem busca entender as contradições e os embates que existem dentro do capitalismo – nisso se concretiza – o materialismo dialético – no qual Marx (1857) estabelece alguns aspectos para debater as relações de classes e seus embates como, por exemplo, a questão da consciência humana, por intermédio do conceito de alienação.

Mas como Marx chegou a esse nível de análise, que se tornou referência a todos que desejam entender as contradições e materialidades da sociedade capitalista?

Ele não “criou” a roda, quer dizer não retirou sua teoria de uma simples hipótese, como qualquer pesquisador respeitável, Karl Marx partiu de uma leitura e análises cuidadosas de outras teorias, a exemplo da teoria positivista de Hegel, para a partir delas realizar sua interpretação das relações socioeconômicas.

Na pesquisa sob orientação marxista é preciso considerar a divisão da sociedade e a exploração do trabalho em seu contexto histórico e dialético. Neste sentido, todo aquele que busca concretizar sua pesquisa por essa via, deve entender que é preciso negar todo contexto social e pela negação traduzir as informações coletadas seguindo o princípio da dialética como lembram Marconi e Lakatos, 2005.

Deste modo, é preciso evidenciar na pesquisa de orientação marxista que todo contexto social e econômico passa por mudanças contínuas de cunho quantitativo e qualitativo em um movimento dialético. Outro fator presente nessa abordagem é a negação da contradição dos fatores intrínsecos ao processo de produção do capital, como podemos observar nas passagens de um sistema econômico taylorista para o modelo toyotista. Esse movimento se complexifica à medida que há embate entre a instauração de novos modos de produção e os modos de produção existentes em determinados momentos da história. Por exemplo, a mudança do modelo agroexportador para o modelo urbano industrial.

Para Marx só é possível realizar uma pesquisa sobre as relações sociais a partir da compreensão da história da política e da economia, uma vez que são essas relações que garantem o desenvolvimento da sociedade. Constatamos que: “O conhecimento, na concepção marxista, é propriamente uma produção do pensamento, resultado de representações mentais com que se representa – e não repete, reproduz ou reflete – a realidade objetiva, suas feições e situações” (PRADO JR, p.18).

Portanto, podemos considerar que o método de análise da realidade objetiva adotado pelo método marxista consiste em analisar a prática cotidiana e espontânea da sociedade considerando-a como uma instituição viva em movimento, para tornar essa análise a negação, ou problematização da base filosófica e só então gerar reflexões para a consciência humana. Na análise marxista da sociedade é imprescindível observar que durante as relações estabelecidas no contexto social os objetos/sujeitos sempre agregam um novo conhecimento que muda sua estrutura dando margem a produção de um novo sujeito/objeto.

As relações sociais modificam os sujeitos e por consequência também é modificada por eles, por isso é indispensável considerar nessa categoria de análise a totalidade de aspectos que abarcam a produção social e história do ser humano.

Podemos entender a produção científica na perspectiva marxista da seguinte forma:

É preciso explorar as contradições e transformações que ocorrem na sociedade a partir da análise aprofundada destas engrenagens que movimentam a produção humana na sociedade capitalista. Todos esses fatores devem ser observados em conjunto, justapostos e interligados.

A teoria marxista do valor somente se aplica, quando o caráter social do trabalho se une com seu aspecto individual e qualitativo. Não se trata de uma teoria mecânica, aplicável segundo seus promotores a

não importa qual objeto, produzido a não importa em que condições. É uma teoria histórica, que se aplica principalmente a produção industrial ao demonstrar como esta produção nasce a partir da produção familiar, artesanal e assim por diante (LEFEBVRE, 2011, p. 113).

Para realizar uma pesquisa na perspectiva do marxismo, sobre a sociedade e cultura dos surdos, é preciso antes de mais nada, entender a história da luta política pelos direitos dos surdos considerando como isso se relaciona e se estabelece dentro de uma engrenagem maior, a sociedade como um todo. Deve-se questionar o porquê de eles precisarem lutar por seus direitos sociais? Qual motivo os levou a ficar à margem da sociedade? Como as relações socioeconômicas interferem para que essa luta seja necessária? Isso tudo deve ser analisado de forma qualitativa aprofundada e considerando a totalidade de fatores envolvidos.


Não há uma unidade isolada nessa perspectiva, por exemplo, a cultura surda, mas há sim fatores que se constituíram a partir das forças produtivas e que excluíram todos aqueles que em determinado tempo histórico foram considerados improdutos e que por isso esses agentes sociais (os surdos) precisaram se unir e em uma luta de classes, que envolve um amplo e complexo processos e identidade cultural, política, econômica e social, para garantir que seus direitos fossem garantidos pela força da lei.

ATIVIDADE — REFLITA E RESPONDA:

Para fundamentar sua reflexão sobre a pesquisa em educação nesta perspectiva.

Assista ao vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=jWmZKHgOjrE>

Agora responda como um pesquisador que parte da pesquisa de base filosófica marxista, concebe o ser humano como?



CAPÍTULO V: FILOSOFIA DA LINGUAGEM UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS SOBRE A EDUCAÇÃO DOS SURDOS

A filosofia da linguagem discorre sobre o discurso acerca dos fenômenos educativos, ela analisa, interpreta e esclarece o discurso educacional.

De acordo com Goergen (1979) essa análise decorre dos aspectos instrumentais, isto é, as bases teóricas que se prestam a instrumentalizar a prática educacional. E também, o espírito crítico que questiona continuamente essa prática.

Estudar as práticas educacionais, a partir da Filosofia da Linguagem pode ser uma importante ação para desvendar ideologias, clarificar a superficialidade dos discursos, bem como sua incoerência com o campo educacional real.

A filosofia da linguagem, ou filosofia analítica parte de uma enfoque hermenêutico² e teleológico³ em busca de uma prática do conhecimento, explorando pela pesquisa o sentido integral da educação, compreendendo o processo de formação humana frente a formação individual de cada sujeito, com sua potencialidade, dificuldade e especificidade cultural, cognitiva, social e psicológica.

Articular a mediação entre interioridade e exterioridade, entre o íntimo e o público. Entende, pois o exercício do filosofar como uma tendência hermenêutica, vista como via privilegiada da interpretação. Não dita, não manipulada, mas que procura interpretar, descobrir, compreender. Compreender, antes de tudo, que é o mesmo homem que procura a sua realização desde a técnica até a meditação transcendental (RABUSKE, 1999, p. 33).

Entender a educação a partir de discursos que muitas vezes não consideram-na em sua complexidade é buscar desvendar nos discursos os fenômenos que revelam as tendências políticas sobre como a sociedade percebe a educação, uma vez que a práxis educativa repercute na formação política.

É nesta perspectiva que devemos, saber separar os objetivos proclamados a respeito da educação, dos objetivos reais. De modo que na análise discursiva investigada pela filosofia da linguagem a sintaxe e a semântica tornam-se ponto forte desta análise e delimita as normas linguísticas que circulam sobre o conteúdo dos discursos.

Mas, para efetivar a análise linguística é necessário, observar em que contexto foi escrita, falada ou ilustrada. Ilustrada? Sim, porque as imagens falam tanto quanto as palavras.

De modo que, a semântica e a sintaxe são responsáveis pelas análises teóricas, complexas e abstratas, já a pragmática⁴ trata de contextos palpáveis,

2 A descoberta da alteridade é a de uma relação que nos permite deixar de identificar nossa pequena província de humanidade com a humanidade, e correlativamente deixar de rejeitar o presumido “selvagem” fora de nós mesmos. Confrontados à multiplicidade, a priori enigmática, das culturas, somos aos poucos levados a romper com a abordagem comum que opera sempre a naturalização do social (LAPLANTINE, 2003, p.14)

3 “O termo ontologia foi introduzido pelos autores escolásticos no séc. XVII. Rudolf Goclenius, que mencionou a palavra em 1636, poderá ter sido o primeiro a fazê-lo, mas o termo era de tal modo natural em latim e começou a surgir tão regularmente que as disputas sobre quem detém a prioridade da sua introdução são vãs. [...] a ontologia trata do ser enquanto ser. O termo “ser” era entendido univocamente, como se tivesse um só sentido” (MURCHO, 2009, p. 01). Disponível em: <http://criticanarede.com/ontologia.html>

4 “complexo fenômeno cognitivo e social que chamamos discurso” (ALONSO, 1999. p. 332)

através da análise das ações que postulam os discursos. Para realizar esse tipo de estudo é preciso observar o contexto, os jogos de linguagens, seus limites, seus objetivos e fins. E, em caso de imagens até as cores utilizadas dizem algo neste discurso.

Para realizar inferências sobre os discursos é importante considerá-los em sua práxis, seus conceitos e regras semânticas. Para Wittgenstein (1975), o discurso pode estar em consonância com as regras, ou pode contradizê-las, como observamos na questão dos objetivos proclamados e objetivos reais. Por exemplo:

Na sentença “Educação pública, gratuita e de qualidade para todos” observamos que o objetivo proclamado diz que a intenção é promover uma educação que atenda às necessidades específicas de todos os sujeitos, efetivando formas de promoção da educação que eleve os níveis de conhecimento científico de toda a população brasileira. No entanto, a educação pública sofre com o descaso, falta de recursos humanos, recursos didático-pedagógico, desvalorização do trabalho docente, precarização do ambiente escolar, falta de subsídios técnicos e científicos e falta de formação continuada para os professores, mas a LDB 9394/96, Art. 3º descreve que:

VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

VII - valorização do profissional da educação escolar;

VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;

IX - garantia de padrão de qualidade;

Desta forma, a regra supracitada no discurso contradiz a regra pragmática. E demonstra que esse é um discurso proclamado está distante dos objetivos reais. “A educação não é prioridade do Estado” e se os governos não assumem essa responsabilidade, o objetivo de efetivar uma educação pública, gratuita e de qualidade para todos torna-se um discurso vazio. Assim, o ato não está em conformidade com a regra.

De fato, a desejarmos pensar uma interpretação dos discursos empregados sobre a educação, devemos compreender qual é a regra como ela se manifesta, qual seu uso e emprego na ação educativa.

A investigação dos discursos por intermédio dos processos analíticos, objetiva elucidar as percepções linguísticas e suas aplicações, bem como seus

desígnios e especificidades, quando empregada em um contexto real. A análise da linguagem vai desde a inferência da estrutura sua forma de comunicação e, sua constituição.

A linguagem é um importante campo de pesquisa e análise, pois está carregada de nossos ideais, concepções e valores culturais. Desta forma, os discursos são muito mais que simples descrição das ações.

A linguagem não é um simples veículo para expressar nossas ideias, nem uma simples roupagem para vestir nosso pensamento quando o manifestamos publicamente. Ela é a própria condição do nosso pensamento e, para entender esse último, temos que nos concentrar nas características da linguagem em vez de contemplar o suposto mundo interior de nossas ideias. Nosso conhecimento do mundo não se radica nas ideias que dele fazemos; ele se abriga, sim, nos enunciados que a linguagem nos permite construir para representar o mundo (INIGUEZ; GRACIA 2004, p. 33).

A filosofia da linguagem nos permite compreender diferentes representações sociais de mundo. Segundo essa ótica, há ainda, a análise filosófica da linguagem, na perspectiva sócio histórica que evidencia o papel da linguagem na formulação de ações políticas para a educação e suas consequências sociais.

Em outras vias, a filosofia da linguagem pode ser estudada a partir do exercício linguística, suas repercussões, fundamentos teórico-filosóficos que ancoram os discursos, os aparatos de comunicação destes discursos, considerando sua concreticidade.

ATIVIDADE — REFLITA E RESPONDA:

Disserte em 10 linhas sobre a seguinte assertiva: A filosofia da linguagem busca entender os usos dos componentes da linguagem em relação ao locutor e a sua relação com o mundo.

MODELO DE PROJETO DE PESQUISA

Título do Projeto:

Palavras-chave: (mínimo 3 e máximo cinco palavras)

Aluno: (nome completo)

Orientador: (nome completo)

1. Tema
2. Problema
3. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA
4. OBJETIVOS
 - 4.1. Objetivo Geral
 - 4.2. Objetivo(s) específico(s)
5. METODOLOGIA
6. CRONOGRAMA

Atividades	2016											
	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	
Levantamento bibliográfico												
Definição do método												
Produção do instrumento de coleta de dados												
Submissão ao COMEP												
Entrevista												
Observações												
Transcrição dos dados												
Catálogo dos dados												
Análise dos dados												
Produção do artigo												

7. RESULTADOS ESPERADOS

8. REFERÊNCIAS



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho dedicou-se ao debate de como podemos escolher nosso suporte teórico-filosófico para a realização de uma pesquisa científica em Educação. Analisamos diferentes correntes teórico-filosóficas e sua relação lógica entre métodos e teorias filosóficas.

Analisamos alguns procedimentos metodológicos que podem instrumentar-nos na elaboração do projeto de pesquisa educacional. Bem como explicitamos brevemente as abordagens quantitativas e qualitativas e sua contribuição para a pesquisa educacional.

REFERÊNCIAS

ALONSO, L. H. **La Mirada Cualitativa en Sociología**. Madrid: Fundamentos, 1998.

BACON, F. **Novum Organum**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

BRASIL. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. In: Diário da União, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em: 20 jun. 2013.

BINET, A.; SIMON, T. **Testes para medida do desenvolvimento da inteligência nas crianças**. Tradução de Lourenço Filho. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1929.

BOURDIEU, Pierre. A teoria na prática. In: **Rev. Adm. Pública** [online]. 2006, vol.40, n.1, pp. 27-53. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-76122006000100003>>. Acesso em: 12 de Mar. 2015

CHALMERS, A. F. **O que é ciência afinal?** Trad. Raul Filker. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

COHN, C. **Antropologia da Criança**. 2º ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

DESCARTES, R. **Discurso do método**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

DELVAL, J. **Introdução à prática do Método Clínico**: descobrindo o pensamento das crianças. Porto Alegre: Artmed, 2002.

DURKHEIM, É. **As regras do método sociológico**. Trad. Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1974.

FERRAZ JÚNIOR, T. S. **Introdução ao Estudo do Direito: técnica, decisão, dominação**. 6a ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

FREUD, Sigmund. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GOERGEN, Pedro L. A Universidade, sua Estrutura e Função. **Educação e Sociedade**. São Paulo, ano 1, n.2, p. 47-59, jan. 1979.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7 ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2002.

HUSSERL, E. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

HUME, D. Investigação acerca do entendimento humano. Trad. Anuar Aiex. Disponível em: <<http://www.psb40.org.br/bib/b8.pdf>> Acesso em: 20 Abr. 2015.

GRACIA, T. I.; INIGUEZ, L. (Org.) **Manual de análise do discurso em Ciências Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2004.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**: outros Textos Filosóficos. Tradução de Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1987 - V. II. In: Col. Os Pensadores.

LEFEBVRE, H. **Marxismo**. Trad. William Lagos. São Paulo: L&PM, 2009.

LÉVY-BRUHL, L. Indiferencia de la mentalidad primitiva a las causas mediatas. In: L. Lévy-Bruhl. **La Mentalidad Primitiva**. Trad.G. Weinberg. Buenos Aires: Leviatan, 1957.

LAPLANTINE, F. **Aprender Antropologia**. Trad. Marie-Agnês Chavel. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LEVY-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- MARX, K. **O capital**. Vol. 1. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.
- MONTAIGNE, M. **Os ensaios**, Livro I. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- PIAGET, J. **O julgamento moral na criança**. Trad. Elzon Lenardon. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1932.
- _____. Fazer e compreender. São Paulo: Edições Melhoramentos e Editora da Universidade de São Paulo, 1978.
- PRADO Jr. C. **Evolução política do Brasil**: e outros estudos. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- RABUSKE, E. A. Antropologia filosófica 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- RICOEUR, P. **Interpretação e ideologias**. Organização, tradução e apresentação de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988.
- VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. 2^o ed. São Paulo: Editora Martins, 2007.
- WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. Trad. José Carlos Bruni, São Paulo: Abril Cultural, 1979.

